



QUADRO DE PEDRO SUBLEYRAS.

ESTE pintor nasceu em Uzés no anno de 1669 e ganhou no seu tempo grande reputação, que não se perpetuou. Nos seus painéis se reconhecem qualidades eminentes, desenho facil, exposição brilhante, e o bem acabado dos toques de preferencia a contrastes; mas escusado é procurar n'essas pinturas o que chamamos estylo, isto é a liga do sentimento e do gosto.

Começou a estudar na cidade de Tolosa com An-

tonio Rivaiz, mestre mais elegante do que severo, cuja escola seguiu sempre, não obstante ter depois vivido muitos annos em Roma e ser admirador entusiasta das obras sublimes de Miguel Angelo, Raphael e Julio Romano: tanta é nos pintores a influencia da aprendizagem que é raro isentarem-se d'ella completamente, e até alguns ha que lhe ficam sujeitos ainda mesmo reprovando-a.

Vol. III. — 3.^a SERIE.

MAIO 6. 1854.

Em 1724 Pedro Subleyras veio a Paris contando, com a ufania de mancebo e de mais a mais gascão, concorrer a todos os premios e ganhá-los; convidava á sua casa de trabalho os artistas para lhes mostrar desenhos de tectos, e esboços de composições mui vastas; nada lhe servia de embaraço, ou lhe causava duvida. Comtudo cremos que esta confiança teve mais de um desengano e que logo achou em Paris, nos professores e curiosos amestrados na escola de Póussin, juizes pouco favoraveis á sua maneira de pintar. No entanto em 1726 alcançou o premio grande; o museu do Louvre possui o seu quadro então laureado, que é conhecido pela denominação de *serpente de bronze*: é uma composição com certa frieza de estylo, posto que theatral e desempenhada com facilidade e talento.

Subleyras partiu depois para Roma, e ahi o achamos em 1743 casado com Maria Felice Tibaldi, senhora nobre e muito instruida; membro da academia dos arcades, a que tambem sua mulher pertencia, valido do cardeal Valenti Gonzaga, procurado pela nobreza romana, e tendo feito para a igreja de S. Pedro o quadro do deliquio do imperador Valente, era geralmente estimado.

Poucas noticias ha da sua vida, além do que fica referido; expatriado voluntariamente viveu por muitos annos em Roma, onde falleceu; e tendo deixado poucos discipulos ninguem se deu ao incommodo de ordenar a historia de suas obras, e comtudo merecem algumas d'ellas bastante apreço. Uma carta do senhor de Sironcourt, encarregado de negocios do governo francez, que residiu por muito tempo em Roma, e que foi escripta do Cairo a 10 de agosto de 1748 a mr. de Rouillé, ministro da marinha, faz grandes elogios a Pedro Soubleyras tanto por seu caracter e qualidades moraes como pelo merito artistico.

O quadro que reproduzimos na gravura está no museu do Louvre, e representa S. Bento resuscitando uma creança. O retrato do pintor vae a paginas 140.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

VII.

Primeira guerra entre a Russia e a Turquia: aniquilamento da esquadra ottomana no golpho de Lepanto.

A ENERGIA e actividade de Solimão o grande succedeu a molleza e relaxação de seu filho Selim II. Dado a quantos prazeres e excessos embotam o espirito e amollecem o corpo, este principe reduziu completamente a sua existencia ao viver effeminado do serralho. O amor da gloria que fizera obrar tantos prodigios aos seus antepassados, e ao qual a Turquia era devedora de toda a sua grandeza e opulencia, nunca lhe abraçou o peito. Nem uma só vez se collocou á frente de seus exercitos, costumados até ali a serem conduzidos á victoria pelos seus soberanos. Os negocios publicos corriam á mercê de seus ministros. Ainda quando não existira já no coração do imperio turco o germen da sua decadencia, aquelle procedimento do chefe do estado, e nas circumstancias espeeiaes em que se achava a Turquia, devendo ás armas todo o seu engrandecimento, e tendo excitado contra si na Europa e Asia, tanto com suas conquistas como com as repetidas humilhações por que fazia passar os mais paizes, o terror de uns, e o odio de outros: em taes circumstancias, repito,

aquelle proceder era uma causa sufficiente não só para marcar o começo da decadencia de um imperio, mas para lhe imprimir acelerado impulso.

Entretanto o esforço de um subdito veio neutralisar de algum modo os tristes effeitos que as faltas do soberano deviam produzir. A par d'essas aquisições de territorio, que alargaram tanto as fronteiras da Turquia; juntamente com essa reforma legislativa, que deu ao imperio uma organização mais homogenea e mais forte, Solimão I legou a seu filho um ministro illustrado e cheio de dedicação na pessoa do grã-vizir Muhamed-Lokolli. Depositario dos pensamentos d'aquelle esclarecido principe, este alto funcionario continuou durante o reinado de Selim II com o mesmo systema de politica anteriormente seguido.

A conquista de Chypre, que os venezianos possuíam havia um seculo, e a da Arabia Feliz, onde um aventureiro audacioso assumira o titulo de califa, dispondo-se para vir a ser um temivel rival do poder ottomano, foram os principaes feitos militares do governo do sultão Selim II. Mas a outra empreza se metteu hombros, que apesar de não ser corôada de feliz resultado, faz muito mais honra ao seu ministro. Consistia no projecto de junção do rio Don com o Volga, por meio de um canal de trinta legoas de extensão. D'esta arte se communicava o mar d'Azof com o mar Caspio, e se abria ao commercio uma via facil desde o Baltico ate ao Ganges, ligando com estreitos laços o oriente e o occidente. É verdade que com este plano tinha em vista o grã-vizir abrir passagem ás esquadras ottomanas para auxiliarem o exercito na conquista da Persia. Porém se se attender ao empenho, que este ministro mostrou durante o seu longo ministerio em fazer tratados commerciaes com diversos paizes, devemos crer que n'esta empreza tambem entraram da sua parte miras em vantagens commerciaes.

Para se realizar, porém, este projecto era mister assenhorearem-se da cidade de Astrakan, situada na foz do Volga, e junto ao logar onde o canal devia terminar. Preparou-se a expedição, cujo commando foi confiado a Kacim-pacha, ao qual cabem as honras da concepção do plano. Astrakan foi sitiada e assaltada com todo o vigor; mas os russos, novos senhores d'este territorio, opposeram aos musulmanos tal resistencia que os obrigaram a levantar o cerco e a desistir completamente da empreza.

Foi esta a primeira guerra entre a Turquia e a Russia; de pouca monta se se pesarem os prejuizos, que a primeira d'estas potencias soffreu; mas de grande importancia se se attender ás immensas vantagens a que teve de renunciar por não poder levar a cabo a projectada obra, e de muito maior alcance ainda pelos effeitos moraes, que produziu tanto no exercito como em toda a nação musulmana. O máu successo das armas ottomanas junto aos muros de Astrakan suscitou e fez arraigar no povo turco um antigo prejuizo religioso, que o leva a reputar os paizes do norte como interdictos aos sectarios de Mafoma. Nascia este prejuizo de que, não tendo a noite n'aquelles climas mais de quatro horas, os musulmanos que habitassem n'elle seriam obrigados ou a interromper o somno para fazer a oração da noite, duas horas depois do sol poente, e a da manhã, ao romper d'alva, ou a transgredir os preceitos do alcorão.

Este prejuizo, influindo sobremaneira no malogro d'aquella tentativa, animou excessivamente as tropas russianas, e tirou ao governo turco a vontade de entrar em nova campanha com aquella nação. É tanto assim, que enviando o czar João, o terrivel,

uma embaixada a Constantinopola, logo depois do assalto de Astrakan, para evitar que este successo viesse cortar ou esfriar as relações de amizade entre os dous paizes, o sultão recebeu o embaixador com o maior agrado, e aquellas relações continuaram como se a Russia se não tivesse opposto á execução de um plano, que o governo ottomano tinha tanto a peito.

Pouco tempo depois d'este acontecimento soffreu a Turquia um grande revez no golpho de Lepanto. A sua esquadra composta de tresentas velas, em que entravam muitas náus, foi destroçada completamente pelas esquadras alliadas de Hespanha, do papa e da republica de Veneza, na força de mais de duzentas embarcações, commandadas pelo celebre D. João d'Austria, filho natural do imperador Carlos V (7 de outubro de 1571).

N'esta acção memoravel perderam os ottomanos o seu almirante e trinta mil homens, que ficaram sepultados nas aguas do golpho de Lepanto, dusentos e vinte e quatro navios, entre grandes e pequenos, uns incendiados, outro tomados, e muitos despedaçados na costa contra os rochedos, e quasi quatrocentos canhões, mais de tres mil prisioneiros, bandeiras de purpura, e quinze mil escravos christãos, que obtiveram a liberdade, foram os trophéus do vencedor. De tão formidavel esquadra apenas escaparam quarenta galeras.

Foi este o maior triumpho que os christãos tinham conseguido até ali contra a Turquia. A noticia de um tal desastre causou em Constantinopola a mais profunda sensação. Selim II deixou-se possuir de tão grande terror, que segundo dizem os proprios historiadores ottomanos se recusara por mais de dous dias a tomar alimento algum. E na verdade, d'esta catastrophe deviam seguir se terriveis consequências para o imperio turco, se os alliados soubessem aproveitar-se melhor de tão assignalada victoria, e se Veneza não rompesse no anno seguinte a alliança, fazendo pazes com o sultão. A conclusão de um tratado de paz por mediação da França entre Filippé II de Hespanha, o papa Pio V, a republica de Veneza e a Turquia acabou de dissipar todos os receios, que o combate de Lepanto suscitara em Constantinopola.

Entretanto o grã-vizir Sokoli desenvolveu n'esta conjunctura tal energia e actividade, e os recursos do imperio eram tão grandes, que um anno depois d'aquella gravissima perda fez-se de vela a esquadra turca, constando de dusentos e cincoenta navios de differentes lotes. E por esta occasião aquelle ministro, vendo que o embaixador veneziano se admirava da brevidade com que a Turquia reorganisara a sua esquadra, exclamou cheio de orgulho: «A riqueza e poder do imperio são taes que se fôra preciso, far-se-iam de prata as ancoras, de seda os cabos, e de setim as velas.»

Selim II morreu a 2 de dezembro de 1574, tendo reinado apenas oito annos. (Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

GALLIPOLI E OS DARDANELLOS.

Esta cidade é o ponto de reunião das tropas inglezas e francezas expedicionarias em auxilio da Turquia, e por isso o seu nome apparece agora muitas vezes nos jornaes politicos. Actualmente é uma das povoações mais importantes do Hellesponto, constando de 16 a 18:000 habitantes entre turcos e gregos, armenios e judeus. Tem assento em rochas, parte

das quaes minadas pelas aguas do mar e tem dous portos mui frequentados por navios de pequeno lote.

Os monumentos turcos de Gallipoli reduzem-se a mesquitas e pontes, algumas d'estas construidas ao modo arabico, sustentadas em columnas de marmore com inscripções em lingua turca. São muitas as ruinas da antiguidade assim dentro como fóra da cidade; a maior parte das casas conservam na sua construcção, da mesma maneira, que em Lampsaki alguns fragmentos de antigualhas. Mr. Castellan descreveu minuciosamente e debuxou com bastante esmero os restos, mui bem conservados, de uma fortaleza e mais alguns edificios. Nas outras construcções reconhece-se simultaneamente a architectura grega e romana e a dos barbaros.

Nos arredores não se vê mais que uma planura arida, coberta de rochedos e pedras soltas; a espaços crescem a custo algumas arvores n'um barro amarelento. Quão differentes são as cercanias de Gallipoli das de Lampsaki (1)! Mas, se o paiz da parte da Europa é menos agradável, em compensação o ar é mais puro e mais sadio o clima; as febres e outras enfermidades não fazem tantos estragos como em a margem opposta.

As suas memorias historicas resumem-se no seguinte. A sua situação é tão vantajosa que todos os principes que pertenderam apossar-se da Thracia começaram assenhoreando-se de Gallipoli, a qual foi levantada das ruinas pelo imperador Caligula. Os povos das Gallias atravessaram o Hellesponto n'esta paragem, quando foram assolar a Asia Menor; na epocha da terceira cruzada o imperador Frederico Barba-roxa passou o estreito de Gallipoli, ou canal dos Dardanellos, com o seu exercito. No seculo 14.^o aventureiros catalães, tendo-se rebellado contra o imperador grego que os tomara ao seu serviço, foram estabelecer-se n'esta cidade; o almirante genovez Doria acabou de expulsal-os d'ahi, depois de um assalto geral, e n'essa occasião se fizeram notaveis as mulheres pelo valor com que se defenderam; antes d'este successo tinham os revoltosos talado todos os districtos circumvisinhos, fazendo tremer Bysancio, e vencidos em varios recontros os turcos e os gregos.

Porém, o mais notavel que offerece a historia de Gallipoli é o ter sido a porta por onde se precipitou sobre a Europa a invasão musulmana; estimariamos poder accrescentar que será a porta por onde penetre a civilisação. Durante o reinado do segundo soberano da casa de Osman, entraram os turcos pela primeira vez na Europa e conquistaram Gallipoli, que por algum tempo conservaram. Quando Amurath II saiu de Magnesia, marchando contra o exercito de Ladislau e Huniales, passou com suas tropas o estreito para esta banda. O primeiro arsenal dos ottomanos estabeleceu-se em Gallipoli e foi onde Mahomet II reuniu a sua frota, que devia apoiar o seu exercito no cerco posto a Constantinopola. Em frente d'esta cidade, na Asia Menor, era a antiga Ilion, campos em que foi situada a famosa Troia, e onde o viajante se recorda dos heroes cantados por Homero.

A terra da Europa fórma aqui uma península que por conter a cidade tem o nome d'esta; antigamente chamava-se o Chersoneso da Thracia. Gallipoli é cabeça de um livah (2) na Romelia, e dista d'An-

(1) Lampsaki ou Lepsch está na Turquia asiatica a 9 kilometros (obra de legua e meia) de Gallipoli sobre os Dardanellos; a sua região era a antiga Troade.

(2) Livah ou Sandjaat chamam os turcos as subdivisões dos pachalatos ou cyalets, provincias governadas por um bachá. Cada livah é regido por um bey ou bey.

drinopoli 140 kilometros para o sul. Estelivah, que se estende do Canal dos Dardanellos ao longo do mar de Marmara tem de comprimento 460 kilometros e de largura 150 e conta de população 600:000 habitantes; corresponde á parte meridional da antiga Thracia e á Macedonia oriental. Na cidade ha fabricas de excellentes marroquins, e faz-se commercio de lãs e algodões.

Diremos duas palavras ácerca do estreito. — O nome de Dardanellos tiveram primeiramente em common as duas cidades de Bovalli-Kalesie e Nagara-Burun (as antigas Sestos e Abydos, que a fabula de Leandro e Hero fez celebres), ambas nas duas oppostas beiras do estreito que separa a Turquia europea da Asia, e só a segunda está na antiga Dardania, d'onde veio o nome moderno do canal, d'antes chamado o Hellesponto. Ambas se denominam agora *Antigos Dardanellos* para distincção dos *Novos Dardanellos*, que são outras duas cidades sitas no mesmo estreito, Kilidh-Bahr e Sultanié-Kalesie, que se chamam tambem Castello da Europa e Castello da Asia. Estas quatro cidades são mui fortificadas e tornam quasi impossivel a passagem dos Dardanellos á viva força; guarnecem a costa europea 336 bôcas de fogo e a asiatica 488. Todavia os inglezes, commandados pelo almirante Duckworth, forçaram a passagem em 1807; verdade é que as fortificações estavam muito arruinadas. A largura do canal varia de 2 a 9 kilometros.

Quando em 1833 os russos vieram em soccorro do sultão ameaçado pelo pachá e acamparam em Unkiar-Skelessi, celebrou-se o tratado, que tem este nome, aos 8 de julho do dito anno, estipulando alliança defensiva e offensiva por oito annos entre a Russia e a Turquia. Uma clausula secreta do tratado fechava eventualmente os Dardanellos ás potencias europeas, deixando este estreito, bem como o Bosphoro (Canal de Constantinopola), aberto sómente á Russia. As representações das potencias lesadas obstaram a que se renovasse aquella clausula quando expirou o tratado.



PEDRO SUBLEYRAS.

SUA Magestade a SENHORA D. MARIA II. (1)

Sunt lacrimae rerum, et mentem mortalium tangunt.

VIRGIL. — ENRID.

Remota custodia militari, tutior publici amoris excubiis pergebat.

SUET. IN CESAR.

Arcum suum tetendit... et in eo paravit vasa mortis.

PSALM. VII, v. 14.

NA sua jornada de Falmouth para Londres é que a rainha visitou a opulenta habitação de Guilherme Beckford, na abbadia de Fonthill. O proprietario era aquelle espirituoso inglez, que duas vezes veio a Portugal no reinado de D. Maria I, e na regencia do principe D. João, traçando, em cartas elegantes, o retrato engenhoso dos costumes da côrte em uma epocha nossa bastante ignorada por este aspecto, apesar da muita proximidade.

Beckford vivia ainda em 1828, mas o inverno dos annos pesando com os seus rigores, e agravando-se pelas molestias senis, inclinava já para o tumulo a cabeça do curioso observador.

Não lhe permittindo o seu estado receber pessoalmente, como desejava, a neta de D. João VI, do soberano ao qual devera estima e favores especiaes, o sumptuoso escriptor não se esqueceu de quanto podia tornar cordial e verdadeiramente real o acolhimento, que offereceu.

Entre inumeraveis preciosidades colligidas nas viagens á custa de largas despezas, a rainha notou repetidas e vivas memorias de Portugal. O gosto e as inclinações de Beckford, particularmente affeioado á nossa patria, tinham-nas accumulado ali, quando depois de alguns annos de existencia entre nós quiz aliviar as agudas saudades da ausencia, e não poupando ouro, nem esforços, fez tudo para se rodear de recordações poderosas que lhe avivassem a imagem de um paiz, que preferiria ao seu para fechar os olhos, se lhe fosse permittido!

A abbadia de Fonthill junta as fórmãs da moderna architectura ao grandioso sublime do estylo monastico. Situada no condado de Salisbury, e fundada no tempo de Guilherme o conquistador, passou das mãos de diversas familias para as de William Beckford, pae do viajante, homem distincto pelo espirito e pelo vigor de character; este foi aquelle mesmo lord maire de Londres, ao qual a cidade reconhecida levantou a estatua nos seus paços, segurando na mão alçada a copia da memoravel advertencia dirigida a Georges III no anno de 1770!

O magistrado de Londres possuia avultadas riquezas na Jamaica, e seu filho, succedendo-lhe, dispunha de cem mil libras esterlinas de rendimento. A magua da perda de uma esposa querida, lady Margarida Gordon, filha do conde de Abayne, decidiu Guilherme Beckford a viajar, e trouxe-o a Portugal. Em 1787 retirou-se para visitar os monumentos de Hespanha, e em 1794, voltando a Lisboa, verificou a sua excursão a Alcobaga e á Batalha, de que nos fez uma animada pintura nas ultimas cartas, edificando depois a deliciosa residencia de Monserrate em Cintra.

Desgostos serios, que experimentou, e certa emulção causada pelos seus cabedaes de principe, resolveram-no a desistir do proposito que manifestara de se estabelecer em Portugal; retirou-se pois, e concluido um passeio rapido por Italia e França,

(1) Continuado de pag. 135.

recolheu-se á patria, fixando em Fonthill a sua morada.

Esta habitação já enriquecida pela liberalidade do alderman seu pae, ainda se figurou modesta a Guilherme Beckford. Assim, apenas descansou das primeiras fadigas da jornada, deu-se pressa a riscar e construir o magnifico palacio, aonde determinava findar os dias.

A senhora D. Maria da Gloria teve occasião de percorrer detidamente o soberbo edificio, e de examinar de perto o fausto e a opulencia de um particular, rivalisando em posses e generosidade de animo com os soberanos reinantes de alguns Estados. O parque de Fonthill abraça a circumferencia de sete milhas, e foi disposto de modo que se pódem andar por elle vinte sem nunca voltar aos mesmos sitios, ou tornar a vêr as mesmas alamedas copadas de arvores e plantadas de arbustos e flores curiosas, desde a mais humilde planta dos Alpes até á mais rara producção dos tropicos. Os cysnes, os pavões, e as aves que ornavam os differentes logares pertenciam ás mais apuradas raças.

A abbadia domina de uma eminencia quanto a rodeia, e as obras executadas até á morte de Beckford custaram quatrocentas mil libras, calculando-se em outro tanto o que seria indispensavel para a acabar, seguindo o desenho, e sustentando o luxo do primeiro proprietario.

Quando erguia a torre de duzentos e setenta e seis pés de alto, d'onde se alcançam largos horisontes e immensa área de terrenos povoados de castellos, de antigos monumentos, e de florestas, o fogo pegou casualmente na parte superior, que ardeu toda. O espectáculo cheio do terror e magestade das chamas, corôando de linguas de fogo aquella arrojada mole, deslumbrava os olhos; Beckford contemplou-o como observador estranho á perda, e como senão fosse necessaria uma grande fortuna para reparar os estragos! Empreendedor e activo, ainda as cinzas não tinham arrefecido, e já crescia outra vez a segunda construcção mais rica, mais altiva, e mais esbelta do que a primeira! Para seguir as obras com assombrosa diligencia mandou apenar os operarios das circumvisinhanças e todos os transportes, de modo que houve ferias nos amanhos ruraes. Os proprios concertos executados na capella de Windsor-Castle ficaram suspensos; quatrocentos e sessenta trabalhadores, noute e dia, não levantaram a mão de cima da torre de Fonthill.

Os officiaes revejavam-se aos quartos, e nas mais largas e tenebrosas noutes de inverno, os viajantes pasmavam, descobrindo de longe, como em scena magica, as figuras phantasticas de tantos homens pendurados das muralhas, e allumiando-se ao clarão dos fachos. O proprietario assistia de um alto empregando a vista nos bellos effeitos do quadro; e no meio da eterna melancholia, que lhe maguava o rosto, corria-lhe ás vezes um sorriso de contentamento, observando aquella multidão, que parecia girar nos ares, no meio dos bellos accidentes de luz, cujos reflexos iam brincar ao longe nas massas de verdura do parque, e nos relevos e esculpturas das outras partes do edificio.

A rainha de Portugal veio encontrar em Fonthill todas as maravilhas, que o gosto unido á sumptuosidade podia inventar. Em um espirito elevado a sensação devia ser profunda e indelevel. Os primores das artes emparelhavam com a magnificencia d'aquelle palacio, d'aquelles jardins, d'aquellas torres, que pareciam formadas em sonho, ou creadas pelo prodigioso condão da lampada de Aladino. Os paineis dos melhores mestres das escolas de pintura;

porcelanas de raridade e fórmas preciosas; moveis de ouro maciço; obras de ebano e tartaruga variadas no lavor, e exquisitas pelo desenho ou pelo preço, taças de sardonica, de agatha, de christal de rocha, e de calcedonia oriental realçavam entre outros muitos objectos de valor, ou de trabalho singular. Os olhos entretidos não cessavam de se admirarem, de sala para sala, porque achavam ali exposto quanto as artes ousam imaginar, e quanto o fasto pódem colligir.

Quando Beckford falleceu a abbadia de Fonthill foi posta á venda, e concorreram, como compradores, o duque de Wellington, o conde de Grosvenor, e o marquez de Hertford. Este ultimo não podendo conter-se, exclamou: «só o rei deve habitar em um palacio, aonde tudo é extraordinario e arrebatador. Qualquer particular não saberia viver aqui» O rei com tudo não comprou a abbadia. Foi mr. Farquhar que a possuiu, pela enorme quantia de tresentas e quarenta mil libras!

Pedimos venia pela digressão, -esperando que nos seja relevada. Beckford, o fundador da casa de Monserrate, cujas ruinas pittorescas ainda lembram o seu nome e os seus caprichos sumptuosos, não podia citar-se de corrida, nem a hospitalidade offerecida á rainha dos portuguezes, na hora do infortunio, merecia uma noticia indifferente, ou leviana.

Estes episodios se interrompem a narração com ligeira pausa, talvez não sejam inuteis para a amenisar. Aquillo que alegrou a nossa infancia, ou que feriu a nossa imaginação em idade tenra, tem uma frescura e saudade, que depois nos annos graves consolam do córte dos desenganos, e refrigeram do queimo dos pezares. O que succede a cada passo a todos nós na jornada da vida, acontece com a existencia dos povos, e com os quadros que a resumem.

Bem acres dôres e bem amargas tristezas teremos que debuxar, depois, em tratando do agitado reinado da senhora D. Maria II, para não nos demorarmos alguns instantes junto d'estas recordações da primeira epocha, festejando-as.

Voltando em companhia da imperatriz, segunda mãe, á terra do seu berço, mas servida por criados portuguezes, (era sua dama a sr.^a D. Leonor da Camara, depois marquez de Ponte Delgada, e seu gentil homem da camara D. Thomaz Mascarenhas) a rainha conservou vivas e arreigadas sempre as provas de dedicacão, recebidas dos subditos exilados, durante a sua estada na Europa; e em quanto amadurecia a occasião de se tentar maior empreza as diligencias incessantes de seu pae, e os affectuosos cuidados da augusta esposa, escolhida para companhia dos seus trabalhos, aproveitaram o curto espaço de residencia no Brazil, continuando-lhe a applicação cortada pelas vicissitudes politicas, que já referimos. Nem o tempo, nem os meios de ensino sobejavam para a educacão se esmerar, segundo a medida dos desejos que a dirigiam; mas o talento natural, e a assiduidade da princeza suppriram muito do que faltava, tornando fecundas as horas, e rapidos os progressos. Quando rebentou o movimento, que restituiu á Europa o duque de Bragança, já a senhora D. Maria da Gloria possuia em grande perfeição o conhecimento das linguas franceza e ingleza, fallando-as, e escrevendo-as correctamente.

Foi em 7 de abril de 1831, que na capital do Brazil occorreram os successos, que decidiram o imperador a abdicar a corôa em seu filho, ainda menino, regressando á Europa com a rainha de Portugal, e a imperatriz sua esposa. A necessidade mais poderosa do que o affecto, que as unia pelo sangue e pelo sentimento do infortunio commum, obrigou aquellas

angustas personagens a separarem-se no momento deprehenderem a longa e penosa travessia, que devia trazel-as á Europa. Faltavam commodos a bordo de cada um dos vasos estrangeiros de que podiam dispor, para fazerem juntas a viagem. O imperador e a imperatriz embarcaram, portanto, em uma fragata ingleza; e a rainha em uma charrua franceza, seguindo diverso caminho. A fragata navegou em direitura a Cherbourg; a charrua accossada por ventos contrarios veio a Brest, d'onde a senhora D. Maria II passou por terra a unir-se á sua anciosa familia, que permaneceu até principios de agosto em Cherbourg, saindo para se estabelecer na real quinta de Meudon depois da digressão do senhor D. Pedro a Londres.

Luiz Philippe, recentemente elevado ao throno, não só poz á disposição do duque de Bragança esta agradável residencia campestre, como empenhou todas as delicadezas e maneiras para lhe adoçar o amargor do revez. De Meudon (na qual habitaram até meiado de novembro) recolheu a familia imperial a Paris, para um palacio situado no mesmo ponto da rua de Courcelles, aonde estava a casa de Robespierre, hoje propriedade da rainha de Hespanha D. Maria Christina. Ahi nasceu no 1.º de dezembro de 1831 a princeza D. Maria Amelia, que na flor dos annos mais viçosos Deus chamou á sua gloria, como um anjo que não devia demorar-se longe da sua verdadeira patria; d'ali partiu o duque de Bragança para a ilha Terceira logo no principio do seguinte anno; e ali tambem entre receios e esperanças se cultivou o espirito da senhora D. Maria II, debaixo da direcção, e a sombra dos excellentes exemplos de sua segunda mãe, que soube converter em proveito da sua instrução uma capital como Paris, que é a cabeça intellectual da Europa.

N'este intuito sua magestade imperial incumbiu da continuacão da educação religiosa da rainha o abbade Dupanloup, então parochó da freguezia de S. Roque, e hoje bispo de Orleans, homem exemplar de costumes, e singular em letras; e o primeiro cuidado do virtuoso pastor consistiu em dispôr a sua educanda para dignamente receber o Sacramento da Confirmação, administrado pelo arcebispo de Paris. O professor de historia e de geographia era mr. Collard, mestre que fôra do duque de Bordeaux. Do ensino de principios de mathematica encarregou-se o major de engenharia Caetano Vaz Parreiras. Finalmente para o estudo das linguas vivas e das artes liberaes de musica, desenho, e danga, chamaram-se os professores, que ensinavam os principes da familia real de França, com a qual a senhora D. Maria da Gloria convivia, participando da optima educação que o rei Luiz Philippe se aprimorou sempre em dar a todos os seus filhos.

O aproveitamento correspondeu aos desejos e desvelos empregados. A rainha, modesta e timida ante o tracto publico, ornava as graças do seu sexo com as prendas, que o realçam mais; e justamente grata a memoria de seu pae, e aos carinhos da imperatriz, quando foi esposa e mãe, fez reviver na educação dos nossos principes as bellas tradições, que lhe recordava a sua.

No centro d'esta existencia consagrada ás applicações instructivas, e aos deveres de familia, corriam senão tranquilllos de todo, ao menos socegados de revezes os seus dias, quando uma occorrença, que podia ser fatal, veio patentear a fortaleza do seu animo, superior á debilidade do sexo, e digna das qualidades, que tantas vezes attestaram a seguridade de caracter de seu pae. Em uma das manhãs de abril de 1832. pouco depois de se retirar da ja-

nella do seu quarto, que deitava para o jardim, ouviu-se um tiro proximo, e logo a bala, entrando pelo logar d'onde a princeza acabava de sair, foi cravar-se na parede fronteira, mesmo ao lado do seu leito. É facil de imaginar o enleio e o pavor dos que velavam pela conservação de tão preciosa vida. Commo-veram-se com o successo, e alguns mais apprehensivos chegaram até a vêr n'elle um crime premeditado e susceptivel de se renovar.

Sómente a senhora D. Maria da Gloria não se alterou, nem deu importancia ao facto, procurando aquietar o susto de todos, e sustentando inteira a tranquillidade do seu espirito. As diligencias da policia franceza, e as inquirições judicias immediatamente ordenadas por mr. Persil, procurador da corôa perante a relação de Paris, demonstraram depois que o terror natural em um desastre imminente, não tinha base, que o justificasse ácerca de futuras tentativas. Não existira conspiração nem projecto regicida. Um visinho sujeito a accessos de demencia motivara innocentemente o aballo pela inveterada insistencia de disparar tiros cegos no seu quintal.

Comtudo, se a mão da Providencia não desviasse a rainha do perigo, uma balla expellida ao acaso viria sepultar em luto a sorte da grande causa, que mesmo aquella hora se agitava entre os dous campos, que dividiam o reino, pelejando denodadamente!

Outros riscos mais geraes e mais perennes cercavam a princeza a esse tempo. A cholera-morbus invadira Paris em 22 de março de 1832, e só nos suburbios da capital tinha ferido mais de vinte mil victimas, das noventa e cinco mil que immolou em toda a França; e como se não bastassem as maguas e as lagrimas de tão extensa calamidade, veio a sedição politica dos dias 5 e 6 de junho ensanguentar um bairro de Paris, repetindo as scenas de outras epochas dolorosas. Em volta de si a esposa e a filha de D. Pedro não descobriam no horisonte senão ameaças e tempestades. Por um lado o açoute da peste, ardendo por toda a parte, e dizimando sem piedade a todas as classes; por outro, o desassocego e o temor, que faziam nascer a incerteza do successo da expedição do senhor D. Pedro; e para remate de tantas tribulações diversas, o espectáculo da guerra civil desgrenhando as furias nas ruas de uma cidade, a cada momento atravessada pelo cortejo fúnebre dos que a ira do flagello ia ceifando implacavel!

Rompia então em França a batalha entre a monarchia constitucional e a republica. A queda da casa primogenita dos Bourbons não satisfizera senão metade das exigencias das opiniões exaltadas; o throno era o alvo do seu odio, e a corôa o pretexto da sua hostilidade. Carlos X ou Luiz Philippe representavam para ellas o principio monarchico, e a esse é que apontavam os seus golpes! Colhidas de sobresalto pelos acontecimentos, não tinham acceitado a dynastia de julho, senão como praso de tregua, em quanto melhor se preparavam para o lance decisivo.

A revolta de junho revelou a intenção, descobrindo ao mesmo passo a minoria que hasteava então o estandarte republicano. Constrangidos a ceder diante da firmeza das tropas, e a entrincheirarem-se afinal em uma casa religiosa (Cloitre Saint-Mery) os sublevados tiveram de depôr as armas, reconhecendo que a tentativa fôra antecipada, e era repellida pelos desenganos da nação. Foram dias aquelles que não esquecem aos soberanos, nem aos povos. Quantas vezes Luiz Philippe, já no exilio, recordaria, depois, os conflictos civis, em que o rei com seus filhos ao lado, e a frente da guarda nacional, marchava contra as barricadas, e por entre o estampido das

descargas, e os clamores dos combatentes, ouvia soar, gratas ao coração e risonhas de popularidade, as saudações da multidão formando votos pelo exito das suas armas! Que distancia do enthusiasmo pela ordem em 1832 á apathia e ao desconforto de 1848! Em dezoito annos de poder como tinham mudado completamente as idéas, os homens, e as cousas!

A rainha e a imperatriz ao primeiro rebate da rebellião atravessaram a praça, aonde se consumou o sacrificio de Luiz XVI, e dirigiram-se ao paço, desejando acompanhar a familia real, que temia a cada instante receber a cruel nova da morte de tres principes, escripta com o sangue do seu valor. Em quanto as horas se arrastavam lentas pela angustia, as duas princezas nada poupavam para minorarem as apprehensões, e alentarem o espirito da esposa e das filhas, que na pallidez e no tremor denunciavam os cuidados, sabendo por experiencia como dos degraus do throno em França é facil escorregar para o cada-falso, ou cair debaixo do punhal de um sicario! As ensanguentadas memorias da revolução de 1793, revoando em volta d'ellas, exacerbavam-lhes as penas, agravando os receios.

Destinada a governar em um paiz, que o seu reinado devia introduzir no trabalhoso noviciado das instituições representativas, parece que a Providencia quiz de proposito proporcionar á senhora D. Maria II as lições graves, collocando-a no ponto mais propicio para observar com fructo as vicissitudes do mundo em um anno tão fertil de acções notaveis.

O engenho da rainha suppria a idade; e as provações de uma carreira tão agitada no primeiro viço da mocidade tinham-na habituado a reflectir, colhendo proveito de quanto occorria, quer fosse prospero, quer ensinasse a vaidade das grandezas humanas. A insurreição da Vendée, e o resultado infeliz do commettimento audaz de uma princeza desditosa, illudida pelo amor materno, deviam-lhe causar profunda sensação. O cerco e a tomada de Anvers defendida com mal succedida valentia, desmembrando pela espada o que a politica ligára vinte annos antes, occupava a atenção, e podia reputar-se de fausto agouro para a cavalleirosa empreza, que o imperador commandava em pessoa. Proximos d'estes, outros factos de vulto não menor, revelavam a inquietação dos animos, e as incertezas do futuro, atrahindo a curiosidade, e absorvendo a penetração dos estadistas.

No Egypto Mohamed-Ali cansado da vassallagem nominal, e suppondo favoravel a occasião, erguia a cabeça, e declarando-se em rebellião aberta contra Mahamoud II, expunha a paz da Europa pelo conflicto imminente das duas maiores potencias. A festa tumultuaria de Hambach descortinava os designios da revolução, traçando já metter o pé na Alemanha; e quasi ao mesmo tempo descobria-se a grande conspiração urdida para accender geral conflagração na Italia subjugada, mas impaciente. Aos movimentos de varios pontos da America juntavam-se acontecimentos tragicos, obra dos delirios do fanatismo politico, preponderante n'esta epocha, bem gravada na memoria dos que dirigiam as redeas do governo, e eram forçados a luctarem com os maus instinctos, adoptando providencias rigorosas, para acautelarem maiores desgraças.

Por ultimo, para que o desconcerto das idéas e a obsecção de certas doutrinas não ficassem duvidosas, appareceu a farça dos sansimonianos, cujo processo divertiu a França em uma quadra pouco fecunda de incidentes comicos.

Nas suas conversações familiares a rainha ajuisava dos homens e dos factos, e frequentes vezes deslinia com pensamentos agudos as seitas e os successos, que

passavam quotidianamente pela scena d'aquelle periodo.

Ouvindo repetir um dia a engraçada e sabida phrase de Ritarol sobre a revolução, a princeza accrescentou sorrindo-se: «para mim creio que as revoluções ainda se pintam em menos palavras. São as subidas de uns por cima das ruinas dos outros!»

Quando aplacada a sedição de junho, os sectarios de Saint-Simon eram levados aos tribunaes, ministrando um episodio jocoso no sombrio drama da guerra civil, a rainha não pode conter-se que não exclamasse: «é justo! depois da tragedia temos a comedia, unico genero em que taes homens são toleraveis, porque ao menos fazem rir e não chorar!»

No centro de todos estes acontecimentos, e quando ainda se ignorava a direcção tomada pela expedição do duque de Bragança, chegou a Paris a noticia da sua entrada no Porto. Ia principiar, portanto, a moderna illiada, que teceu ao senhor D. Pedro uma corôa mais preciosa do que as duas que tinha abdicado. No dia 9 de julho a bandeira azul e branca tremulava já nos baluartes da cidade, fadada para cidadella da liberdade, e para theatro de faganhas que as antigas não desmaiam, nem excedem.

Como se reuniram os soldados e os navios necessarios para a empreza? Como se alcançaram os recursos precisos para alimentar a guerra? A' custa de rasgos heroicos e de sacrificios, um punhado de guerreiros superior aos horrores da fome e da peste nas estreitezas de um cerco, como conseguiu manter-se dentro de trincheiras rotas, e triumphar da fortuna, do numero, e de todos os flagellos conjurados? Quando a historia um dia, em desapaixonado exame, explicar os milagres de constancia e de esforgo, que illustram a carreira dos soldados e do general, a posteridade ha de pasmar da desproporção das forças e do esplendor do exito, comparando á indigencia dos meios o arrojo do commettimento.

Estão já longe esses dias, tristes de recordar pelo sangue que os macula, mas que viram de parte a parte prodigios verdadeiros. Apertadas em mãos briosas cruzaram-se nos campos da batalha espadas, que em melhores tempos tinham honrado unidas o antigo brazão portuguez nas gloriosas lides da independencia. O dissentimento dynastico, e mais do que elle ainda, a opposição de principios, estremaram aquelles que no mesmo berço deveram abraçar-se com mutuo extremo. A escola que arvorava as côres da liberdade, suplantada antes de se firmar, perdia ao mesmo tempo no codigo, penhor da sua crenga, a patria e as consolações, que tanto presa o coração, e que tornam leve o peso á vida. Um poder de facto, auxiliado por todos os interesses e sympathias, que tomavam raiz da conservação do antigo estado, dominava absoluto, e excitado pelas manifestações imprudentes, e pelo sobresalto de suspeitas continuas, punha a sua confiança na repressão inclemente, imaginando que o rigor escravisa as idéas, e desvia o desenvolvimento, ou o curso irresistivel d'ellas. Os successos desde o começo deviam tel-o advertido; porém a paixão civil, conselheira sempre fatal, obsecando os entendimentos, exacerbou os erros, e só logrou accelerar os effeitos d'elles. O senhor D. Miguel de Bragança, engeitando a mão de sua sobrinha, e rompendo o laço de legalidade e de amor, que daria a paz ao reino, sentou-se no throno portuguez, e dado este passo, a torrente sem parar arrastou-o sempre até acabar por um desterro na terra do estrangeiro!

Na ilha Terceira foi o baluarte e refugio dos que não inclinaram a cabeça ao facto triumphante, preferindo a consciencia aos premios e mercês. Não reconhecendo o governo de Lisboa, e tendo jurado

sobre oppostas bandeiras, foi uma gloria para elles guarnecerem aquelles penhascos, aonde levantaram os vivos padrões da sua lealdade. O batalhão de caçadores n.º 5 serviu de nucleo á legião liberal, e invencivel sempre nunca dobrou o joelho diante da força, nem prestou ouvidos a nenhuma proposta: separados de todos, limitados aos seus escassos meios, e votados á ruina pelos inimigos, e á indifferença pelos estranhos, os defensores da Terceira arrostaram destemidos com o infortunio, e mereceram a victoria que lhes coroou o denodo. Pouco a pouco engrossaram as suas fileiras, com a chegada de outros, como elles decididos a morrer. Para participarem do perigo e da honra, estes ultimos tinham de atravessar os mares crusados pelas balas dos navios de Lisboa, e de seguir por baixo dos tiros dos bloqueios inglezes. A final o combate de 11 de agosto de 1829 na villa da Praia desenganou os contrarios da inutilidade das suas emprezas, concedendo alguma tregua ás fadigas dos exilados.

A regencia nomeada do Brazil pelo imperador havia saído muito antes de Londres, e por entre riscos e ameaças, illudindo a vigilancia dos inimigos, fôra tomar conta da causa da rainha, hasteando em mão segura o estandarte, que depois saudaram nas linhas do Porto e de Lisboa, em Almoester e na Asseiceira, outros tantos dias de triumpho!

Partindo da Grã-Bretanha na companhia da imperatriz, a rainha já pode referir a seu augusto pae a grande acção das tropas constitucionaes, unindo ás d'elle a satisfação e a memoria dos relevantes feitos, que ornavam o nome do conde de Villa Flor e seus irmãos d'armas nas gentilezas d'esta campanha, presagio dos futuros louros.

Mas o impulso decisivo tinha-o a Providencia reservado para timbre do senhor D. Pedro. Despedindo-se das praias americanas, aonde deixava adulta a liberdade á sombra do solio de seu filho, o imperador concebeu o arriscado projecto de restituir a corôa de seus avós á senhora D. Maria da Gloria, despresando, por indignas do seu animoso coração, as difficuldades, que deviam esmorecer a qualquer outro. A magnitude da empreza serviu só de o confirmar na idéa de a tentar. Um acontecimento singular pela coincidência exaltou-lhe ainda mais, se é possível, a vontade, e accendeu-lhe o enthusiasmo. Nas aguas do Faial, de volta do Rio de Janeiro, o principe soube que os defensores da Terceira, embarcados em botes frageis, e affrontando as vagas tempestuosas do Archipelago, acabavam de alçar a bandeira constitucional em todas aquellas ilhas.

Estava pois lançada a luva. Os exemplos nobres, poderosos sempre em almas proprias para os apreciarem, faziam dobrada força no espirito do senhor D. Pedro. Descendente de D. João IV, o dador da carta aprendera na historia da sua casa a confiar em Deus, e na sua espada, julgando tudo facil, quando a cabeça, que medita, e a mão, que executa, não vacillam, nem recuam.

Apenas chegado á Europa toma o nome (que devia illustrar por nobres feitos) de duque de Bragança; é á testa dos homens fieis á causa da rainha, escreve aos soberanos de todas as potencias (1) na

(1) Na vespera da saída de Paris, no dia 24 de janeiro, escreveu o imperador a todos os monarchas, participando-lhes a firme resolução, em que estava, de manter as suas abdicções, e ao mesmo passo apontando-lhes os motivos, que o decidiam a coadjuvar uma empreza, cujo intuito era fazer triumphar o principio conservador, proclamado por todos os gabinetes, como base duravel da ordem e da esta-

qualidade de pae e tutor, declarando-lhes que irá reivindicar a preço de todos os sacrificios o throno para sua filha, e a patria e as instituições, que outhorgára, para seus subditos!

Nada o suspende ou desalenta! Nem os aprestos militares de longa mão dispostos para o repellir, nem as falsas opiniões incutidas para lhe alienar o povo, nem os trabalhos e as contingencias de uma guerra desigual e cortada de angustias. De rosto firme encara com a sorte, e á força de perseverança e de arrojo obriga-a a favorecel-o.

Os primeiros embaraços cedem logo diante da sua resolução. A palavra do principe levanta os subsidios indispensaveis nas praças mercantis. As nações applaudem a audacia do commettimento; e a pequena legião dos portuguezes apressa com os seus votos a hora de tornar a beijar a terra do seu berço, e o jazigo de seus paes!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

— É feliz quem quer só o que pode e faz só o que deve.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

bilidade das nações. Dirigindo-se particularmente ao Summo Pontifice, e ponderando os inconvenientes de continuarem as condescendencias da Santa Sé para com o poder, que dominava em Portugal, o duque de Bragança usou de uma linguagem digna dos seus antepassados, e propria pela energia respeitosa da grande questão, que se agitava. Eis entre outras algumas das suas expressões:

«A certeza, que tenho, de que Vossa Santidade, em todos os tempos, fez a devida justiça aos meus sentimentos, não só de piedade christã, mas de particular devoção e affecto á Santa Sé Apostolica, faria pelo menos superflua a repetição das sinceras protestações, que faço, tanto em meu nome, como de sua magestade fidelissima, minha augusta filha e pupila, do nosso ardente desejo e firme esperanza que temos de persistir, com o favor divino, até ao ultimo sopro da nossa vida n'estes religiosos sentimentos; se eu me não visse n'este momento forçosamente obrigado a manifestar a viva dôr, que me causa o procedimento usado por vossa santidade a beneficio do usurpador da corôa de minha augusta filha, a senhora D. Maria II, em quem sómente renunciei e deposei os imprescriptiveis direitos, que tinha á corôa de Portugal, como filho primogenito, e legitimo representante da dynastia de Bragança.

«Eu exprimo, Santissimo Padre, as minhas queixas com aquelle amor, que sente um filho obediente da Igreja, fallando com o pae commum dos fieis. Doe-me particularmente a escolha, que vossa santidade fez (para aceitar e receber as credenciaes do agente do usurpador) do momento em que voltando eu á Europa, a toda ella se fez notoria a minha tenção firme e inabalavel de empregar todos os meios, que a Providencia tem posto por ora á minha disposição, e todos os que para o diante me conceder, para derrubar a perfida usurpação do sceptro portuguez, recuperar a minha augusta filha o throno de seu pae e avós, e muito especialmente, como natural consequencia d'este glorioso fim, para acabar de uma vez com a horrenda carniceria e espoliação injusta, que se está fazendo ha quatro annos, do mais puro sangue, e da melhor substancia dos seus, e que já foram meus fidelissimos subditos.»